

SILVA, Wagner Rodrigues. *Letramento do professor em formação inicial: interdisciplinaridade no Estágio Supervisionado da Licenciatura*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

Silvana Silva
Universidade Federal do Pampa

Em pouco menos de 20 anos, a perspectiva de estudos do letramento tem renovado as discussões educacionais sobre o ensino, possibilitando a criação de inúmeros objetos de pesquisa no Brasil: *letramento e alfabetização, letramento científico, letramento e práticas docentes, letramento e gêneros textuais e discursivos*. Alguns desses objetos de pesquisa focalizam sua atenção na aprendizagem básica de crianças e jovens, outros focalizam no texto ou textos, unidade de ensino elegida pelas diretrizes oficiais atuais. Agora, com o lançamento da obra *Letramento do professor em formação inicial: interdisciplinaridade no Estágio Supervisionado da Licenciatura*, um novo objeto de pesquisa se delineia: o papel dos estágios na formação inicial dos professores e na crítica da estrutura curricular das universidades. Organizado por Wagner Silva, professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e coordenador do Grupo de Pesquisa “Práticas de Linguagens em Estágios Supervisionados” (UFT/CNPq), o livro conta com a colaboração de pesquisadores de universidades de vários estados do Brasil, a saber, Clara Dornelles (Universidade Federal do Pampa, Rio Grande do Sul); Luiza Helena Oliveira da Silva, Selma Maria Abdalla Dias Barbosa, Lívia Chaves de Melo, Maria José de Pinho, Elcia Tavares e Vilma Nunes Fonseca (Universidade Federal do Tocantins, Tocantins); Adair Vieira Gonçalves e Mariolinda Rosa Romera Ferraz (Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul); Cristiane Carvalho de Paula Brito (Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais); Ely Alves Miguel e Maria Rosa Petroni (Universidade Federal do Mato Grosso, Mato Grosso); Marilza Vanessa Rosa Suanno (Universidade Federal de Goiás, Goiás).

Queremos sublinhar qual nos parece ser o mote da obra resenhada: o lapso existente entre a produção de conhecimento sobre letramentos – alguns deles referidos acima – e a prática do professor. Logo, esta obra produz, e com qualidade, conhecimento sobre o trabalho do professor. A publicação da presente obra revela amadurecimento da área: se, antes, o professor era visto como ‘mediador’ do conhecimento, no atual momento, deseja-se que ele seja visto como ‘produtor’ de saberes. A que se deve tal amadurecimento? Muitas são as constatações, advindas de inúmeros campos: social, a população brasileira reconhece a necessidade da valorização do trabalho do professor; político, o poder público institui o Piso Nacional do Magistério Público que legitima a luta dos professores por valorização profissional; linguístico, os pesquisadores publicam número expressivo de trabalhos sobre sequências didáticas e gêneros textuais; acadêmico, as universidades ampliam o oferecimento de disciplinas de língua portuguesa para outros cursos, reconhecendo assim que a língua deve ser de pleno domínio de todos os profissionais.

A obra conta com uma “Apresentação” de Ângela Kleiman, na qual é justificada a pertinência de se refletir sobre o estágio no cenário educacional atual, bem como apresentada como ‘tese’ a ideia da ‘interdisciplinaridade’, defendida no subtítulo da obra. Entre a “Apresentação” e os capítulos propriamente ditos, há uma “Introdução”, elaborada pelo organizador da obra, bem como um capítulo chamado “Organização dos Capítulos”. A “Introdução” cumpre bem o papel de estabelecer relações entre os objetos de pesquisa de todos os capítulos.

O livro é dividido em cinco seções e contém onze capítulos. Estas seções revelam tanto um olhar geral quanto um olhar específico para diversas áreas do conhecimento: 1ª) “Práticas de Escrita na formação Inicial do Professor nas Licenciaturas”; 2ª) “Práticas de Escrita na formação inicial do professor da Licenciatura em Língua Materna”; 3ª) “Práticas de Escrita na formação inicial do professor de Licenciaturas em Língua Estrangeira”; 4ª) “Práticas de Escrita na formação inicial

do professor em Diferentes Licenciaturas”; 5ª) “Práticas de Escrita na Formação em Serviço”. A organização geral da obra nos parece bem abrangente. No entanto, deixam um pouco a desejar dois aspectos. Um deles diria respeito à necessidade de inclusão de capítulo sobre formação do professor de Literatura junto à seção “Práticas de Escrita na formação inicial do professor em Diferentes Licenciaturas”, uma vez que a Literatura faz parte de fato do Currículo de Letras. O segundo ponto que nos parece deixar a desejar diz respeito à exclusiva presença no livro de capítulos sobre os estágios em língua inglesa, desconsiderando-se que existem também no Brasil importantes pesquisas sobre formação inicial em língua espanhola.

A seguir, faremos uma avaliação sobre o conjunto de capítulos. Utilizaremos, para tal fim, os seguintes critérios de leitura: a) pertinência e coesão da relação entre objetivo, metodologia e execução do trabalho; b) contundência da relação entre o problema local, da comunidade de prática, e o problema geral, isto é, do universo da docência; c) caráter categórico e/ou provocativo da reflexão realizada, considerando ambos como qualidades discursivas importantes.

O capítulo que, ao nosso ver, apresenta relação pertinente e coesa entre as etapas do trabalho bem como relação eficiente entre a dimensão local e geral, e ainda uma reflexão categórica é o seguinte: cap. 4, “Teoria acadêmica e prática profissional na Licenciatura em Letras”, de Adair Vieira Gonçalves e Mariolinda Romera Ferraz. Os capítulos que tecem relação pertinente e coesa entre as etapas do trabalho bem como relação eficiente entre a dimensão local e geral e ainda uma reflexão provocativa são os seguintes: cap. 2, “Desafios da didatização da Escrita e da Gramática no Estágio Supervisionado em Língua Materna”, de Clara Dornelles; cap. 3, “Gêneros Textuais na Escola: entre teorizações e práticas na formação do professor”, de Luiza Helena Oliveira da Silva; cap. 5, “Diários reflexivos de professores de Língua Inglesa em formação inicial: o outro que (me) confessa”, de Cristiane de Paula Brito; cap. 6, “Escrita em Ambiente virtual na formação inicial do professor de Língua Estrangeira”, de Selma Maria Abdalla Dias Barbosa.

Além desses cinco capítulos, outro capítulo destaca-se pela proposta inovadora e ousada: cap. 9, “Práticas de escrita nos Estágios Supervisionados das Licenciaturas em Geografia, História e Matemática”, de Elcia Tavares e Wagner Silva. Neste capítulo, são analisadas práticas de escrita em estágios de Geografia, História e Matemática, áreas que tradicionalmente não se caracterizam por valorizar e avaliar as práticas de escrita dos alunos. Os autores constatam que apenas os estagiários de História utilizam-se amplamente da escrita em atividades e em avaliações. Ainda que, por exemplo, a perspectiva do *Ler e escrever é compromisso de todas as áreas* (livro organizado por Paulo Guedes, Iara Conceição Neves, Jusamara Souza, Neiva Schaffer e Renita Klusener, Editora da UFRGS, 1998) seja conhecida dos professores universitários há mais de dez anos, ainda hoje as práticas de leitura e de escrita nas aulas de ciências humanas, biológicas e exatas são consideradas pelos professores dessas áreas como inovação pedagógica e, portanto, de restrita aplicação. Tal reflexão se faz oportuna e pertinente em função do atual projeto governamental de reestruturação curricular do Ensino Médio, o qual pode passar a ser organizado por áreas do conhecimento e não por disciplinas.

A seguir, apresentaremos, em sequência, as principais ideias contidas nos capítulos em destaque. No capítulo 2, “Desafios da Didatização da Escrita e da Gramática no Estágio Supervisionado em Língua Materna”, de Clara Dornelles, pretende-se investigar o modo como uma estagiária de língua portuguesa, na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), didatiza a escrita e a gramática em aulas do 9º ano do Ensino Fundamental. Conforme afirma Dornelles, “os resultados indicam que a maior dificuldade enfrentada pela aluna foi de ordem metodológica e ocorreu no momento de orientação dos alunos para a reescrita” (2012, p. 79). A autora do artigo observa ainda que a estagiária reproduziu algumas formas tradicionais de ensino de escrita, tais como o recurso do sublinhado nos textos, e também tentou algumas novas formas de ensino de gramática e escrita. No capítulo 3, “Gêneros Textuais na Escola: entre teorizações e práticas na formação do professor”, de Luiza

Helena Oliveira da Silva, a autora constata que a aplicação dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs), embora afirmada com base na concepção dialógica de Bakhtin, ainda não é aplicada como deveria. Ao observar a atividade de uma docente de escola pública de Araguaína (Tocantins) que passou recentemente por um curso de formação continuada na universidade, Luiza constata a presença de uma sequência didática de ensino de gêneros do discurso pouco problematizadora ou dialógica, desconsiderando a perspectiva considerada genuinamente bakhtiniana, qual seja, “leitura de textos, atividade de interpretação e negociação de interpretações e, por fim, problematização do próprio gênero” (2012, p. 105). A autora conclui o texto lastimando o ensino baseado em “formas de gêneros” e não em “função social de gêneros” (p. 107), evidenciando haver ainda, na atualidade, um lapso entre os “pensadores, os filósofos, os professores universitários” e os “professores da educação básica”. Ambos os capítulos citados, de Clara Dornelles e de Luiza Oliveira da Silva, parecem apontar para a necessidade tanto de se pensar uma maior aproximação entre universidade e escola quanto de se repensar os currículos das próprias universidades.

No capítulo 4, “Teoria acadêmica e prática profissional na Licenciatura em Letras”, de Adair Vieira Gonçalves e Mariolinda Romera Ferraz, é analisada a relação entre o Estágio Supervisionado e o Currículo do Curso de Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Os autores constatarem que a dimensão do ensino é muito pouco abordada na grade teórico-prática do curso. A seguir, analisam relatórios de estágio, chegando à seguinte conclusão: “há absorção da teoria de gêneros textuais e dos documentos oficiais nos relatórios. Entretanto, é frágil a transposição didática” (2012, p. 135).

No capítulo 5, “Diários reflexivos de professores de Língua Inglesa em formação inicial: o outro que (me) confessa”, de Cristiane de Paula Brito, são colocadas as seguintes questões: “que dizeres/saberes vêm à tona no discurso dos estagiários? Como os estagiários concebem o ensino/aprendizagem de língua estrangeira?” (2012, p. 139). Baseando-se em teóricos da Análise

do Discurso, são investigadas a(s) memória(s) discursiva(s) que sustenta(m) a tomada de posição do discurso. A autora apresenta um *corpus* de 87 diários reflexivos de estágio supervisionado em língua inglesa produzidos por 28 estagiários. Em tais diários, segundo a análise desenvolvida por Cristiane, o estagiário toma o ‘outro’ como confidente, alguém com quem pode desabafar sentimentos de descobertas e decisões. Nesta posição discursiva, o estagiário pode se eximir de responsabilidades sobre a aula (2012, p. 148). Quer dizer, ele pode, na verdade, deixar de assumir uma posição discursiva. A autora observa também o ‘apego excessivo’ dos estagiários ao plano de aula, como ‘lugar de completude’, isto é, os diários reflexivos revelam uma avaliação negativa por parte dos estagiários quanto à sua prática quando alguma atividade não é plenamente desenvolvida de acordo com o plano de aula. Ela conclui que “as análises apontam a necessidade de instigar o professor a tomar uma posição discursiva” (p. 162).

No capítulo 9, “Práticas de escrita escola nos Estágios Supervisionados das Licenciaturas em Geografia, História e Matemática”, de Elcia Tavares e Wagner Silva, são analisadas as atividades de produção de escrita de estagiários de Geografia, História e Matemática. Os autores observam que há diferentes propostas de escrita: em Geografia, são propostos resumos, exercícios e avaliações; em História, resumos, exercícios, relatórios e avaliações; em Matemática, exercícios (2012, p. 245). A conclusão dos autores é a de que “o professor em formação inicial precisa conhecer melhor os gêneros discursivos mediadores do trabalho didático em sala de aula” (2012, p. 255). Embora eles não o afirmem explicitamente, há uma sugestão de que os professores de Matemática deveriam adotar uma perspectiva mais contextualizada ou interdisciplinar em seu trabalho.

Gostaríamos de concluir a resenha destacando a relevância e atualidade da obra, fundamental para que orientadores de estágio supervisionado de diferentes licenciaturas proponham mudanças em suas práticas e, caso necessário, protagonizem mudanças curriculares de impacto em seus cursos. Esta obra é

ainda importante para que professor em formação inicial conheça e produza diários reflexivos mais adequados e reveladores de seu exercício docente. Entendemos ainda que a obra pode incitar os professores atuantes em escolas de Ensino Fundamental e Médio a exigir, junto às instâncias competentes, cursos de formação continuada em suas escolas, nos quais possam participar.

Recebido em setembro de 2013
e aceito em dezembro de 2013.